

TÊNIS

Matheus Junqueira tem o apoio da família para deixar de ir à escola e passar a dedicar-se em tempo integral aos treinos e jogos. Amanhã, ele viaja para a República Tcheca, onde disputará o Mundial de 14 anos

Tudo PELA RAQUETE

JOSÉ CRUZ

DA EQUIPE DO CORREIO

O brasileiro Matheus Junqueira cresce na contramão da rotina escolar dos garotos de sua idade. Nada de escola ou deveres de casa. Seu compromisso maior é com aulas de tênis diárias, em dois turnos, mas com prazo marcado para o exame final. Aos 14 anos, ele tem mais duas temporadas para mostrar que pode se encaminhar para os circuitos internacionais, rumo ao profissionalismo. Caso contrário, o tênis passará a ser atividade de lazer e, aí sim, o estudo ganhará prioridade.

“Para estudar há tempo. Mas para fazer carreira no tênis tem que ser a partir de agora. A hora é agora”, diz ele, fortalecido pelo apoio de seus pais, Dilton e Adriana, que concordaram com os planos do jovem tenista.

A decisão é polêmica, mas a família decidiu dar uma chance ao esporte na idade em que o atleta está em formação. Nesse sentido, a ainda recente carreira de Matheus (Head, Nice One) ganhou um importante incentivo da Confederação Brasileira de Tênis (CBT). Junto com o gaúcho Eduardo Dischinger e o mato-grossense João Vitor Fernandes, Matheus foi convocado para representar o Brasil no Campeonato Mundial juvenil por equipes, de 5 a 13 de agosto, na República Tcheca. A competição é disputada nos moldes da Copa Davis, com dois jogos de simples e um de duplas. A classificação do Brasil veio com a conquista do título sul-americano, quando o Brasil derrotou a Argentina, com vitórias nos dois jogos de simples.

A CBT considerou os resultados do tenista nas últimas temporadas, como a liderança do ranking nas categorias dos 10 e 12 anos e seu desempenho nos torneios deste ano, inclusive na Venezuela, Colômbia e Equador. No total, Matheus participou de nove competições nacionais e internacionais em seis meses.

Para orientar o filho rumo ao profissionalismo, a família Junqueira levou em conta a realidade internacional, com os jogadores chegando cada vez mais jovens aos principais eventos do tênis. Como o espanhol Rafael Nadal, que aos 20 anos é o segundo do ranking mundial. Aos 15 anos, ele já disputava jogos do Masters Series — torneios mais importantes do mundo, logo abaixo dos quatro eventos do Grand Slam.

“A definição pela carreira tem a sua hora, e o estudo pode ser reiniciado mais tarde”, reforça Francisco Feitosa, o Rato. Experiente técnico de tênis nas quadras de Brasília, ele também apoiou o filho, Pedro, de 18 anos, que fez opção pelo jogo, em detrimento da escola. “Pedro está em São Paulo, contratado por uma equipe. Ele tem alojamento, alimentação, treinos e despesas pagas para disputar torneios no exterior, inclusive”, disse Rato, técnico de Matheus Junqueira.

Tenista nas horas de folga, Dilton, pai de Matheus, argumenta que seu filho, mesmo como juvenil, atingiu um nível que exige dedicação exclusiva ao esporte. Daí a decisão em família. “A hora é agora. A escola ele pode recuperar lá na frente”, argumenta Dilton. O planejamento prevê duas fortes temporadas, para que Matheus chegue aos 18 em condições de definir o seu futuro. “Não é possível um tenista entrar na categoria 18 anos titubeante, sem saber se vai ou não para os eventos profissionais. Nessa idade, se tiver que ter resultados, eles aparecem. É a hora de saber se o jogador está em condições de partir para os grandes torneios”.

Amigos

Teses à parte, a mãe de Matheus, Adriana, ficou preocupada logo no início da discussão sobre o afastamento do filho dos estudos. “Sem frequentar escola, ele perderia as amizades, porque, no tênis, os amigos são os competidores, os adversários”, argumentou. Com o tempo, ela mudou de opinião. “Agora, estou convencida de que é a hora de apostar, pois ele está alcançando bons resultados desde a categoria de 10 anos (está na de 14, mas jogando torneios de 16). O que estamos fazendo é um risco, mas como tudo na vida...”, conforta-se Adriana.

Matheus, porém, não está afastado de todo dos estudos. Numa prática que se torna comum entre jovens desportistas, ele faz curso a distância, com apostilas do Colégio Atheneu, de São José do Rio Preto, interior de São Paulo. Em casa, estuda com o apoio de um professor e presta exames a cada 40 dias. “Toda a família se programa em função de Matheus. São os treinos, viagens, torneios, cuidados com a alimentação, enfim. É um profissional mirim e, por enquanto, só se doa, sem saber se teremos retorno”. Além das aulas diárias com Rato, Matheus tem atividades físicas orientadas pelo preparador Gustavo Duarte.

MATHEUS JUNQUEIRA PLANEJA ENCAMINHAR-SE PARA O CIRCUITO PROFISSIONAL EM DUAS TEMPORADAS

Edilson Rodrigues/CB

Dilema comum

Dedicar tempo integral ao tênis não é novidade em Brasília. Os irmãos Carvalho — Larissa e Raoni —, que disputam torneios no exterior há duas temporadas, tiveram que tomar a decisão de adiar os estudos. Larissa terminou o segundo grau, Raoni, não.

Medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de 1999 e com um intenso roteiro de jogos no exterior, principalmente nos anos 90, a tenista Cláudia Chabalboity enfrentou o que chama de “dilema da decisão”. Cláudia faz comparações antes de entrar na discussão principal. “Nos Estados Unidos, o atleta de qualquer modalidade tem apoio da escola e da universidade para compatibilizar estudo e esporte. Na Espanha há centros de treinamentos onde o tenista treina, joga e

estuda. E no Brasil? Temos algo parecido?”

Aqui, para ela, adiar os estudos é uma decisão muito arriscada, principalmente porque é tomada de forma isolada. “Se a carreira profissional for frustrada, sobrarão apenas para o atleta. Só ele sofrerá as consequências, mais ninguém”, observa Chabalboity.

Mãe de jovem atleta, Luciana de Castro Cabreira Guimarães divide-se na discussão sobre o assunto. Para ela, o tenista pode recuperar os estudos para dar prioridade ao tênis. Mas ainda não aplica essa prática ao filho, Pedro, 12 anos, e prefere esperar que ele chegue aos 16 para saber se vai seguir a carreira profissional ou não.

“Cada jogador e sua família devem saber o tempo de tomar essa decisão. Mas pelo menos até a oitava série a presença do jovem na sala de aula é fundamental, pois a escola é muito importante para a iniciação cultural”, argumenta. Na quadra, Pedro é orientado pelo pai, o técnico Santos Dumont. Na rotina diária, Luciana cuida do dia-a-dia do garoto, como compatibilizar a agenda de viagens com os compromissos da escola. “Sempre que ele viaja pego o conteúdo das matérias para ele estudar em casa”, explica. “Mas isso não será sempre, pois chega-se num momento em que ele (Pedro) terá que se decidir”.

Estudos à parte, o ex-tenista profissional Edson Raw avalia que o jovem tenista fora da escola, com dedicação exclusiva ao esporte, sente-se pressionado para mostrar resultados. “No tênis, a gente mais perde do que vence. Se a vitória não vem no espaço de tempo que se estipulou, a pressão sobre o jogador cresce. E o jovem, apenas treinando e jogando, também vai se questionar sobre a falta de vitórias.”

Raw, técnico que já encaminhou vários brasileiros para universidades norte-americanas, sentencia: “Não sou pessimista, mas avalio com os pés no chão. Tirar o filho da escola é uma coisa muito séria”. Para ele, o exemplo do espanhol Rafael Nadal, segundo do ranking mundial, é péssimo. Aos 20 anos, número dois do mundo, ele anima qualquer jovem. Se o Nadal conseguiu porque outro jogador não pode fazer o mesmo?

“Mas ele (Nadal) é um fenômeno, não se pode comparar. Veja no Brasil. Estou com 31 anos e quantos grandes tenistas de destaque internacional revelamos nesse tempo? Guga. Apenas Guga. Então, tirar o filho dos estudos é um risco que pode comprometer o futuro do garoto, pois há também uma idade para a formação de base, para o conhecimento básico, e isso se faz na escola, na idade adequada”. (JC)

CLÁUDIA CHABALBOITY ACREDITA QUE O CONFLITO ENTRE ESPORTE E ESTUDO PODERIA SER AMENIZADO COM A CRIAÇÃO DE CENTROS DE TREINAMENTO

Paulo de Araújo/CB - 21/9/04